

As transformações da notícia de rádio na fase pós-televisão

Valci Regina Mousquer Zuculoto*

Resumo

Na chamada “fase vitrolão” da história da radiofonia brasileira, que inicia nos anos 50 e se estende por todo os 60, o rádio sofre o impacto do advento da televisão e inclusive chega a ter sua morte decretada, por obra da obsolescência total que lhe atribuem diante do surgimento do novo meio. Passa de uma era de espetáculo para um período no qual a maioria das emissoras se limita a rodar discos em praticamente toda sua programação. Porém, ao mesmo tempo, é quando outra boa parte das emissoras constrói a história da radiofonia brasileira através do desenvolvimento do radiojornalismo. E o avanço da tecnologia, com novidades como o transístor e vários outros equipamentos eletrônicos, constitui-se num dos aspectos históricos que mais influi na trajetória do rádio neste período e por decorrência, também na sua notícia.

Palavras-chave

radiojornalismo · notícia · história

*Professora do Departamento de Jornalismo da UFSC, onde coordena o Projeto Universidade Aberta, Mestre em Ciências da Comunicação pela PUC-RS, Diretora de Formação Profissional da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e ex-diretora da Rádio Cultura Fm do Rio Grande do Sul.

1 Conforme Bonavita (1982:81), ocorreram várias demonstrações e transmissões experimentais de televisão no Brasil entre 1939 e 1950, mas não existem dados mais exatos acerca delas. A autora cita uma demonstração do sistema alemão em 1939, outra pública, no MASP, nos anos 40 e transmissões experimentais da Rádio Nacional em 1946 e em 1950. Também de acordo com Bonavita, a primeira emissora de televisão foi inaugurada em 18 de setembro de 1950 em São Paulo - a PRF-3 TV das Associações. E em 20 de janeiro de 1951, no Rio de Janeiro, houve a inauguração da segunda estação - a TV Tupi Canal 6, mais uma emissora das Associações.

A “época de ouro” do rádio brasileiro, em que o radiojornalismo realmente nasceu e a sua notícia se consolidou como parte efetiva das suas programações, termina no início da década de 50, com a implantação da televisão¹. E especialmente a partir de meados de 50, o rádio brasileiro vive um tempo que passou para a história da radiofonia nacional como a “fase vitrolão”, período que se estende por toda a década seguinte, a dos anos 60. Mas, apesar deste declínio, é uma fase em que o radiojornalismo e, por conseqüência, a sua notícia muito se desenvolvem e se transformam, impulsionados principalmente pelos avanços tecnológicos daquela época.

O rádio muda radicalmente na fase pós-televisão, porque este novo meio de comunicação literalmente rouba a cena.

”A televisão, definitivamente, ocupou o primeiro plano entre os meios de comunicação levando consigo as verbas publicitárias, os profissionais e a audiência. No período noturno, ela passa a ser a grande estrela” (ORTRIWANO, 1990:82).

Segue-se a chamada “fase vitrolão” do rádio, em que o veículo chegou a ter sua morte anunciada. Em especial a partir da década de 60, coincidindo com a consolidação da televisão, o rádio passa a existir quase que exclusivamente como musical. Porém, de

forma completamente oposta a sua “época de ouro”, quando tinha suas orquestras próprias, músicos e cantores contratados, um verdadeiro broadcast que alcançava imenso sucesso, exatamente por estar nas ondas do rádio. Seus broadcasts numerosos e arrebatadores de público e publicidade transferem-se para a televisão ou são desfeitos. O rádio já não tem mais como sustentá-los porque as contas publicitárias também foram levadas pela televisão. E até muitos dos próprios empresários da radiofonia, ao receberem concessões para a exploração do novo veículo, igualmente deixam de investir nas suas emissoras.

Esta transformação, contudo, não ocorre da noite para o dia. Como lembra Joaquim Ferreira dos Santos(1997:148), no final dos anos 50, mais precisamente em 58, “o Brasil se divertia à beira do rádio e, talvez pela última vez naquela década, a Nacional, PRE-8, ainda tinha muito mais charme do que a TV Tupi e a Rio juntas”. A maioria do povo brasileiro continuava a se informar principalmente através do rádio. Operando em ondas médias e curtas, além de contar com muitas retransmissoras, a Rádio Nacional ainda liderava a audiência brasileira, estabelecendo...

“... uma verdadeira aldeia global cobrindo todo o país e fundando ‘princípios básicos’ da cultura nacional(FERREIRA DOS SANTOS,

1997:153)”.²

Já na década de 60, quando chega ao auge a transformação do rádio sob o impacto da televisão, o veículo realmente fica desfigurado em relação ao perfil que ostentava glorioso na sua época de ouro. Mas não caiu na obsolescência. Transformou-se.

Um dos avanços tecnológicos que mais influenciou a transformação, a garantia de sobrevivência do rádio foi, sem dúvida, o transistor, pois melhorou a qualidade de transmissão e recepção. Os aparelhos receptores transistorizados, que começaram a ser produzidos no Brasil em 1955 e substituíram os antigos rádios a válvula, puderam dispensar fios e tomadas. E passaram a levar as mensagens radiofônicas ao ouvinte em qualquer lugar e em qualquer tempo, o que representou uma vantagem em relação à televisão.

“Como 60% do Brasil não dispunham de redes de eletrificação, pode-se imaginar o impulso que essa inovação deu ao rádio e à indústria eletro-eletrônica” (BONAVITA FEDERICO, 1982:86).

Também Ortriwano (1990:83-85) aponta as inovações tecnológicas como responsáveis pelas transformações que o rádio evidencia neste período, especialmente o radiojornalismo. Diz ela que o rádio encontrou, na eletrônica, seu maior aliado para sobreviver, através de uma série de

então novos instrumentos tecnológicos, entre os quais o gravador magnético, o transistor, a Frequência Modulada e as unidades móveis de transmissão. E todos estes avanços revelaram-se instrumentos especialmente adequados não só à continuidade do rádio como a um maior desenvolvimento do seu jornalismo.

Além do surgimento das unidades móveis, esta também foi a época em que se reduziram peso e volume de equipamentos técnicos utilizados na produção, gravação e transmissão, o que possibilitou reportagens de rua, entrevistas fora de estúdio e ao vivo, facilidades que foram grandes responsáveis pelo novo impulso ao radiojornalismo. Ainda nesta fase surgem as FMs, de início exclusivamente musicais e sendo utilizadas, pela recepção, apenas para som ambiente, de fundo. Outro avanço tecnológico da década de 60 foi o som estereofônico². Trouxe aprimoramento da qualidade de som para os ouvintes e mais um incentivo para que continuassem ouvindo rádio.

O Brasil vivia o período pós-ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas: a política nacionalista deu lugar ao desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek, que abriu o país para o investimento de multinacionais, mas sempre procurando manter um aparente caráter nacionalista e de legitimidade nacional para o processo. Foi nesta fase da história da radiofonia que também acaba o império da até então poderosa PRE-8. A Rádio

² O som estereofônico começou a ser utilizado pela radiofonia após o surgimento das FMs, melhorando ainda mais a qualidade de recepção destas emissoras em comparação com as AMs. Tanto que muitas das rádios que operam em Frequência Modulada fazem questão de informar quando são “FM Stereo”. Chegou a ocorrer tentativa de se implantar também o AM estéreo, mas esta não vingou.

Nacional perde sua imensa audiência e, aos poucos, igualmente sua estrutura de grande e bem sucedida emissora.

Aos “50 anos em 5” de JK, o lema que o presidente Juscelino adotou para impor seu modelo desenvolvimentista, seguiu-se um tumultuado período sócio-político-econômico com Jânio Quadros, João Goulart e o golpe militar de 64. Um período propício para que o radiojornalismo se desenvolvesse, já que o público estava ávido por notícias, assim como aconteceu durante a Segunda Guerra em favor da rápida consolidação do Repórter Esso e outros correspondentes surgidos ou incentivados sob o seu rastro de sucesso. E o rádio, pelo baixo custo e as facilidades de transmissão e recepção possibilitadas pelas novidades eletrônicas, demonstrava, então, que era o veículo de massa com mais condições de informar.

Não foi à toa que, naquele período, Leonel Brizola identificou o potencial e o poder que o rádio mantinha, utilizando o veículo na resistência à primeira tentativa de golpe contra seu cunhado João Goulart, que em 61 estava sendo impedido de assumir a Presidência após a renúncia de Jânio Quadros. Brizola criou a “cadeia de legalidade”, com a participação de dezenas de emissoras brasileiras. O então governador do Rio Grande do Sul falou para todo o país, exigindo a posse de Jango, a partir dos porões do Palácio Piratini, numa cadeia

E o rádio, pelo baixo custo e as facilidades de transmissão e recepção possibilitadas pelas novidades eletrônicas, demonstrava, então, que era o veículo de massa com mais condições de informar

à qual foram integradas todas as emissoras gaúchas.

“As programações foram canceladas e todas as emissoras retransmitiam as mensagens do Palácio, 24 horas por dia. Boletins informativos a todo o momento; conclamações aos gaúchos, indicando locais de postos de alistamento; informações do centro do país; listas de adesões de personalidades; pronunciamentos de líderes políticos e, sempre que algum fato importante acontecia, o próprio Leonel Brizola vinha ocupar o microfone (REIS, 1995:47-48)”.

As cadeias de rádio, que muito influíram no desenvolvimento do jornalismo radiofônico e na sua notícia, tiveram um impulso em meados da década de 60 com as melhorias nas telecomunicações brasileiras. Via Embratel, por linhas telefônicas e micro-ondas, as emissoras entravam em rede e conseguiam, inclusive, fazer transmissões simultâneas ao vivo. A Jovem Pan, de São Paulo, naquela época ainda chamada Rádio Panamericana, foi uma das que logo lançou mão deste recurso inovador, colocando-o à serviço do seu então crescente radiojornalismo, especialmente do “Jornal de Integração”.

Um modelo que misturava rádio musical com rádio informativo acabou sendo a principal saída para as muitas emissoras que já vinham trilhando o caminho do jornalismo paralelamente ao do rádio-espetáculo. E a pioneira foi

a Rádio JB do Rio de Janeiro.

“A virada dos anos 60 traria ainda o formato Música e Informação proposto pela Rádio Jornal do Brasil. O modelo se mostraria não só conveniente aos recursos da empresa como oportuno para cobrir e documentar os anos tormentosos que vão da posse de Jânio Quadros na Presidência da República ao 1 de abril de 1964[...]” (SAROLDI e MOREIRA, 1984:83-84).

A Jovem Pan foi outra que logo buscou sobrevivência na mescla de música e informação. Ainda como Panamericana, a emissora também adota a prestação de serviços como recurso para enfrentar a televisão. Em 1966, a Panamericana, que tinha tentado a especialização como “Emissora de Esportes”, muda a programação e o nome. Edileuza Soares (1994:105) relata que a emissora “passou a dividir seu tempo entre esporte, radiojornalismo e prestação de serviço” e adotou o nome de Jovem Pan por causa de um programa musical da TV Record - o “Jovem Guarda” - comandado por Roberto Carlos, um grande sucesso da época, que dominava a audiência televisiva dos domingos.

Além da notícia jornalística, o rádio informativo de então é impulsionado também pelo espaço maior dado à prestação de serviço e à utilidade pública. São aspectos informativos que acabam aparecendo na notícia e influenciando seu modo de produção e suas fontes de

Além da notícia jornalística, o rádio informativo de então é impulsionado também pelo espaço maior dado à prestação de serviço e à utilidade pública

captação, já que servem mais ao local, ao regional. Um exemplo de que o rádio informativo prestador de serviços apontava para o potencial de audiência ainda a ser explorado e o caminho a ser seguido, encontra-se na publicação comemorativa aos 20 anos da Rádio Nacional, em 1956, e em Ferreira dos Santos (1997:157). Relatam que numa noite do final daquela década, um avião da FAB, com 14 pessoas à bordo, não conseguia pousar em Campo Grande, no Mato Grosso, porque o aeroporto estava totalmente às escuras devido a problemas na rede de energia elétrica. O piloto pediu auxílio à base aérea do Rio de Janeiro que avisou a Rádio Nacional, solicitando que esta colocasse no ar o seguinte pedido de socorro:

“Atenção Campo Grande, atenção Campo Grande em Mato Grosso. Uma fortaleza voadora da FAB precisa aterrizar. O campo de pouso está às escuras. Os moradores da cidade devem ir com seus carros até o aeroporto para iluminarem a pista. Atenção Campo Grande, Mato Grosso...”

Logo depois da transmissão do aviso, o trânsito se agitou na noite de Campo Grande.

“...A dois mil quilômetros de distância, naquele momento, vários carros mudaram de itinerário. Algumas pessoas saíram de casa e foram para seus automóveis. Às 23:45hs a Fortaleza Voadora descia serenamente, no meio do raio de luz que dezenas e dezenas de faróis

de automóveis despejavam sobre a escuridão do campo de pouso.”

A Rádio Nacional estava exercendo a utilidade pública, a prestação de serviço pelas ondas do rádio e também desenvolvendo o rádio informativo. Porque jornalismo e prestação de serviço têm estreita ligação, são praticados recorrendo a uma busca de informação que necessita de fontes, captação, clareza, correção, veracidade, credibilidade. E o enveredamento do rádio pelos caminhos da utilidade pública também está imbricado com o seu perfil local/regional, que se vai afirmar com bastante força na busca de saídas para enfrentar a concorrência da televisão. Apesar de na sua “época de ouro” ter-se desenvolvido principalmente com um perfil nacional - este foi o padrão das inúmeras grandes emissoras que existiam então - nesta fase pós-televisão ouve-se um rádio local já se sobressaindo e crescendo em número de estações que adotam tal modelo.

“Quanto ao rádio, de veículo potencialmente internacional, graças a sua versatilidade, tomou o lugar dos diários e semanários locais e regionais, que não puderam acompanhar a evolução tecnológica: regionalizou-se, conforme tese de Zita de Andrade Lima, tomando a seu cargo as comunicações de interesse e importância para áreas populacionais limitadas, fazendo-se serviço de utilidade pública” (BELTRÃO, 1976:44).

Neste período, o rádio brasileiro também

Lentamente,
os noticiários
radiofônicos
deixam de
ter sua base
quase que
exclusivamente
voltada às
agências de
notícias e aos
jornais

ensaia seus primeiros passos em direção à especialização/segmentação, fenômeno que igualmente ocorre com toda a imprensa do país.

“No Brasil, projetou-se então na ideologia a distinção de classes de uma sociedade industrial antes mais ou menos ocultada pela presença populista: os jornais já não eram mais feitos para todos, mas para camadas do público” (LAGE, 1979:32).

As inovações tecnológicas da época, aliadas a necessidade de o rádio enfrentar os tempos pós-televisão, deram um novo impulso ao radiojornalismo, principalmente através do incentivo à reportagem própria (no sentido de prática para a captação de informações), o que vai interferir decisivamente nas transformações da notícia radiofônica nesta fase. Lentamente, os noticiários radiofônicos deixam de ter sua base quase que exclusivamente voltada às agências de notícias e aos jornais. Os repórteres passam a ser essenciais para a produção da notícia de rádio, já que as emissoras começam a investir na reportagem, inclusive nas chamadas externas.

Na Rádio Continental do Rio de Janeiro, uma das pioneiras em se especializar neste tipo de reportagem, o destaque foi o radialista Carlos Pallut. Ele introduziu, de forma mais organizada, a reportagem externa em rádio. Como relata Ferreira dos Santos (1997:153), “na Rádio Continental investia-se no jornalismo

com a equipe do Pallut”. Foi de Pallut a idéia de ter carros específicos para a reportagem e para isso, conseguiu o patrocínio dos veículos recém lançados pela Dodge. Tornou-se conhecida a publicidade da equipe de reportagem do radialista: “Carros Dodge - que não podem falhar nem parar”.

Conforme Edileuza Soares (1994:59), com os “Comandos Continental”, repórteres e técnicos transmitiam diretamente dos locais dos acontecimentos. E Pallut trouxe, do departamento de esportes da emissora, para o radiojornalismo, o sistema de externas que, segundo a autora, já era, então, uma rotina no rádio esportivo praticado pela Continental. “Nessa época, a rádio liderava no Rio as transmissões externas de esporte”. O radialista Afonso Soares³ recorda que a primeira cobertura externa informativa produzida por Pallut aconteceu em fevereiro de 1951, quando espalhou postos com “repórteres” por todo o Rio e contou ao vivo, pelas ondas da Continental, como era o carnaval carioca.

No final da década de 50, a reportagem já fazia sucesso no rádio e “a serviço do povo em toda a parte, os Comandos Continental em ação”⁴ realizavam uma organizada cobertura externa dos fatos no Rio, fornecendo informações para a redação dos noticiários que ainda mantinham a fórmula Esso de transmitir notícia. Com a reportagem, o radiojornalismo de então começa também a ensaiar as transmissões de informações por improviso, sem a

redação prévia da notícia, o que vai torná-la mais coloquial, menos concisa, menos objetiva. Mas estas são transformações que não alteram muito o seu formato, já que até hoje a maioria dos repórteres continua a redigir previamente seus boletins e, nesta redação, seguem as orientações básicas que têm suas raízes no repórter Esso. O improviso, na verdade, foi possível não apenas pelo desenvolvimento da prática da reportagem. Também aconteceu como decorrência do fim da censura que reinou na era Vargas e do DIP. Antes, o Departamento de Imprensa e Propaganda controlava, pelos roteiros, as notícias que as emissoras levavam ao ar.

Mas propriamente na notícia, a influência maior da reportagem vai ocorrer na Rádio Jornal do Brasil. Esta também foi uma emissora que deu um novo impulso ao jornalismo nas décadas que se seguiram à “época de ouro”. A JB, desde sua criação em 1935, sempre dispensou um tratamento diferenciado ao jornalismo, mais sisudo, mais sóbrio que o modo de fazer do Esso e seus seguidores. Mas até a década de 60 mantinha um volume bastante reduzido de informativos: apenas dois. Na virada da década de 60, passa para quatro o número de seus noticiários. E logo em seguida, numa proposta revolucionária para a época, adota o formato Música e Informação, desenvolvendo bem duas vertentes básicas de sustentação do rádio: a do entretenimento através da música e a da

3 Depoimento ao vídeo-documentário Rádio no Brasil, 1922-1990. Produção: Tele Tape, TVE RJ e Art Plan

4 Característica que identificava o famoso programa de reportagens externas de Carlos Pallut.

informação jornalística.

Dentro desta proposta de programação com maior espaço para o jornalismo, a JB introduz trechos de reportagens gravadas nos seus noticiosos, junto aos textos lidos pelos locutores, divergindo da linha que havia sido implantada pelo Repórter Esso e copiada quase fielmente por todos os demais noticiários brasileiros. Inaugura, assim, uma nova escola para o radiojornalismo brasileiro que vai influenciar os noticiosos pelo país afora principalmente na década seguinte, a de 70. As sínteses noticiosas que se consolidaram no radiojornalismo brasileiro, com sua linguagem telegráfica, enxuta, mas vibrante, rápida e sensacionalista na voz do locutor, no estilo JB passam a ter mais tempo de duração, notícias mais longas, entremeadas por boletins de repórteres, declarações e trechos das entrevistas. A notícia de rádio, assim, incorpora algumas características diferentes das que vinham fazendo sua história na radiofonia brasileira.

No início da década de 60, o jornalista Clóvis Paiva assume a rádio JB e é sob seu comando que “o estilo JB” começa a se impor. A notícia daquela emissora sofre transformações que vão influir boa parte do radiojornalismo posteriormente. No manual que elaborou para o serviço na JB, embora se conserve muito do que era norma para o Esso, vê-se que é cada vez mais forte a presença da linguagem coloquial da

As sínteses noticiosas que se consolidaram no radiojornalismo brasileiro, com sua linguagem telegráfica, enxuta, mas vibrante, rápida e sensacionalista na voz do locutor, no estilo JB passam a ter mais tempo de duração, notícias mais longas, entremeadas por boletins de repórteres, declarações e trechos das entrevistas

sobriedade que marcaram os noticiários desta emissora. Clóvis Paiva, nas suas regras básicas que deviam ser observadas por toda a equipe JB, entre outras, ensinava:

“... redação perfeita, incluindo a eliminação do supérfluo, de termos inacessíveis à maioria da população, de chavões, de termos complicados e de frases com sentido duplo ou duvidoso” (in FELICE, 1981:74).

O incremento ao jornalismo por parte das emissoras de rádio nesta fase também decorre da obrigatoriedade de transmissões informativas, imposta pela legislação. A lei 4.117, de 27 de agosto de 1962, que instituiu o Código Brasileiro de Telecomunicações, e o Decreto 52.286, de 23 de julho de 1963, que regulamentou as atividades de rádios e tevês, tornaram obrigatório “um mínimo de 5% de seu tempo para a transmissão de serviço noticioso”. Para o cumprimento da exigência, boa parte das emissoras – em especial as que não queriam optar pelo radiojornalismo e inclusive as Fms – reavivou a antiga prática da “cola e tesoura”. Os jornais impressos e também a rádio-escuta voltaram a ser fontes de captação. Desta vez, porém, embora não acompanhassem a instantaneidade e o imediatismo característicos do veículo, as notícias copiadas dos jornais ou de outras emissoras pelo menos recebiam uma nova redação. Mas de uma forma ou de outra, a obrigatoriedade deste mínimo de transmissão

noticiosa acabou abrindo espaço para o desenvolvimento da notícia.

E nas rádios que se dedicaram mais ao rádio-jornalismo, as transformações que influenciam no texto e produção da notícia são mais fortes e evidentes. Agora, neste período da história da notícia radiofônica, além das agências de notícias internacionais, já existiam também as nacionais ligadas aos principais jornais, e as emissoras contavam com repórteres. No rastro deste aumento das formas de captação e por conseqüência, da ampliação das origens e volumes de informações na notícia, começam a se consolidar modelos de noticiários que privilegiavam o nacional e, principalmente, também o local, o regional.

Além disso, pela boa aceitação desta nova fórmula por parte do público ouvinte, as emissoras fomentam as suas transmissões em rede, levando a notícia mais recente, mais imediata também ao interior dos estados e do país, através das próprias pequenas emissoras locais. Um exemplo destes novos moldes de noticiosos radiofônicos foi o “Grande Jornal Fluminense”. Este noticioso fluminense esteve no ar em emissoras do estado do Rio por mais de 30 anos, a partir de 1949 até 1981. Era produzido em Niterói, por um grupo de jornalistas que locavam uma emissora para transmiti-lo. Foi sucessivamente irradiado pelas rádios Taмоio, Clube do Brasil, Jornal do Brasil, Rio de

Agora, neste período da história da notícia radiofônica, além das agências de notícias internacionais, já existiam também as nacionais ligadas aos principais jornais, e as emissoras contavam com repórteres

Janeiro, Copacabana, Mayrink Veiga, Difusora Fluminense e Guanabara AM. Conforme Cohen (in Revista de Comunicação, 1992:14-17), que baseia suas informações em tese de Júlio Vasco Guimarães da Costa, o período mais marcante do GJF, o de maior audiência, situa-se nas décadas de 50 e 60. E uma das razões apontadas para tal sucesso: “era o único a transmitir atos oficiais dos três poderes, fazendo com que o ouvinte do interior tivesse acesso a essas informações antes mesmo de receber o próprio ‘Diário Oficial’”.

A notícia do GJF, assim como muitos outros noticiosos que surgiram ou se firmaram naquela época, também tinha características de prestação de serviço. E além de captar as informações através de sua equipe de produção, ou seja, fazendo reportagem, ainda utilizava como fonte os próprios ouvintes, que principalmente por cartas enviadas do interior forneciam dados para as notícias. Um detalhe interessante é que o Grande Jornal citava os nomes das pessoas que passavam as informações. Uma notícia do GJF daquela época:

“Petrópolis - Correspondência de Carlos Ferreira Abreu - Médicos pediram demissão coletiva: perigo no Pronto-Socorro! Porque recebem somente 6 mil cruzeiros e o prefeito Nelson Sá Earp não quis aumentar seus salários, os médicos do Pronto-Socorro de Petrópolis, ontem, pediram demissão coletiva, o que poderá ter conseqüências

drásticas durante os dias de carnaval” (COHEN in Revista de Comunicação, 1992:15).

Em São Paulo, o Jornal de Integração Nacional da Jovem Pan (antiga Panamericana) era outro exemplo de que a notícia no rádio brasileiro e ampliava e modificava as características do perfil que adquirira a partir do Esso. No caso específico do rádio paulista, as transformações ocorrem muito mais em relação ao Grande Jornal Falado Tupi. É que o rádio de São Paulo desenvolveu o jornalismo com uma linguagem não tão telegráfica, objetiva e aprisionada a regras rígidas quanto aqueles que seguiram fielmente o Esso. Também se diferenciou por mais rapidamente praticar a cobertura local e nacional, certamente por influência dos tempos em que a Record aderiu à Revolução Constitucionalista de 32 e fêz rádio informativo voltado para a então principal questão de São Paulo, colocando-o à serviço da campanha anti-getulista lá desencadeada.

O Jornal de Integração Nacional da Jovem Pan era retransmitido em rede e procurava veicular informações de vários centros do país e para isso, contava com repórteres em várias cidades. Na fase que se segue a esta, a de 70 a 90, tal tendência vai-se ampliar e consolidar na figura dos chamados correspondentes, que as emissoras passam a manter inclusive no exterior. Com esta estrutura de produção, a notícia

Com esta estrutura de produção, a notícia da Jovem Pan, expressando uma tendência que apontou e se consolidou nesta fase da história do rádio, utiliza as inserções de sonoras, modificando o tipo de texto, que passa a ser mais coloquial e um pouco menos rígido em termos de objetividade

da Jovem Pan, expressando uma tendência que apontou e se consolidou nesta fase da história do rádio, utiliza as inserções de sonoras, modificando o tipo de texto, que passa a ser mais coloquial e um pouco menos rígido em termos de objetividade.

“Na época do Jornal de Integração Nacional, as informações da vida brasileira eram muito defasadas em termos de horário. Os jornais impressos fechavam cedo e só chegavam nas bancas às 6 horas da manhã.[...] Para outros Estados o atraso era maior, até de dias. Em Brasília, a capital do país, os jornais chegavam no início da tarde.[...] E foi nesse quadro que surgiu o Jornal de Integração Nacional - diz José Carlos Pereira da Silva - que se transformou numa iniciativa de interesse das principais capitais brasileiras. As notícias do Brasil chegavam a vários pontos do próprio país com rapidez, informando, formando opinião, esclarecendo” (ALVES DE FARIA, 1994:194).

Neste fase da história da radiofonia brasileira, o rádio, assim como os demais meios informativos, sofre a censura do governo militar, instalado no país a partir de 1964. Uma censura que também vai-se refletir na notícia, com mais evidência e mais força no seu conteúdo, aspecto que não é o objeto do presente estudo. Era comum, naquele período, que o Dentel (Departamento Nacional de Te-

lecomunicações) e o Ministério da Justiça, através da Polícia Federal, requisitassem cópias de programas e entrevistas para censurar o conteúdo. E embora o impacto maior deste período de censura se expresse no conteúdo da notícia, também é possível concluir que ocorreram reflexos no formato. O comentário e o “vivo”, que já poderiam ser mais desenvolvidos nesta época pelas inovações técnicas que permitem veiculações mais instantâneas e imediatas, com certeza ficaram refreados em função de censura. Por consequência, impediram que a notícia, enquanto texto e produção, caminhasse mais rápido no sentido de adquirir uma linguagem coloquial, menos presa a regras que impõem a objetividade e a brevidade, e de ampliar suas fontes de captação da informação.

Nesta fase, portanto, a notícia radiofônica é sinônimo de resistência. Poderia ter-se calado assim como aconteceu com o rádio-espetáculo construído na “época de ouro”. Mas resistiu e não apenas sobreviveu junto com o meio. Embora não se tenha desenvolvido em todo o rádio brasileiro, não ficou estagnada e nas emissoras em que vingou, especialmente por conta e apoiada em instrumentos do progresso eletrônico, ampliou formas de captação, espaços de coleta de informações e de veiculação, e iniciou transformações em seu texto que, somente na fase que se segue a esta, vão-se tornar mais evidentes. As raízes do estilo Esso - concisão e objetividade especialmente - permanecem. Mas já é possível notar os sinais em direção a um texto mais coloquial, menos seco e pomposo, que, por isso, já não se presta mais à locução vibrante, grandiloquente e, muitas vezes, sensacionalista que predominava em todos os noticiosos de rádio até então.

Referências Bibliográficas

- ALSINA, Miguel Rodrigo. La construcción de la noticia. Barcelona, Ediciones Paidós, 1993.
- ALVES DE FARIA, Álvaro. Jovem Pan, 50 anos. São Paulo, Maltesa, 1994.
- BAHIA, Juarez. Jornal, História e Técnica - As técnicas do jornalismo. São Paulo, Ática, 1990.
- BELTRÃO, Luiz. Jornalismo Interpretativo. Porto Alegre, Sulina, 1976.
- BONAVITA FEDERICO, Maria Elvira. História da Comunicação – Rádio e TV no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1982.
- CÖHEN, Guilherme. “No ar, o Grande Jornal Fluminense”. In.: Revista de Comunicação. Rio de Janeiro, Agora Comunicação Integrada Ltda, ano 8, nº 30, novembro de 1992.
- DIJK, Teun A. van. La noticia como discurso – comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona, Editora Paidós, 1990.
- FARIA, Álvaro Alves. Jovem Pan 50 anos. São Paulo, Maltese, 1994.
- FELICE, Mauro de. Jornalismo de Rádio. Brasília, Thesaurus Editora, 1981.
- FERREIRA DOS SANTOS, Joaquim. Feliz 1958: o ano que não devia terminar. Rio de Janeiro, Record, 1997.
- GOLDFEDER, Miriam. Por trás das ondas da Rádio Nacional. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- KLÖCKNER, Luciano. O Repórter Esso na História Brasileira (1941-1945 e 1950-1954). Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em Comunicação Social apresentada à Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUCRS, 1998.
- LAGE, Nilson. Convergência Tecnológica. Palestra proferida no 27º Congresso Nacional dos Jornalistas, Porto Alegre, maio de 1996.
- _____. Ideologia e Técnica da Notícia. Petrópolis, Vozes, 1979.

_____. Linguagem Jornalística. São Paulo, Ática, 1986.

_____. “O lead clássico como base para automação do discurso informativo”. In.: *Novas Tecnologias em Comunicação: Cultura e Democracia*. Itajaí, Vozes e Diálogo, Revista do Núcleo de Pesquisa e Extensão da FACOART, Univali, ano 2, nº 1, 1998.

MEDINA, Cremilda. Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo, Summus, 1988.

MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna. “A Especificidade do Rádio Informativo”. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, Lisboa, 1997

_____. “Sete meias-verdades e um lamentável engano que prejudicam o entendimento da linguagem do radiojornalismo na era eletrônica.” Palestra à Licenciatura em Jornalismo da Universidade de Coimbra, 9 de novembro de 1995.

MORAES DIAS, Carlos Eduardo de. “A rádio que toca notícias”. Artigo apresentado ao XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Londrina, Paraná, 1996.

MOREIRA, Sônia Virgínia. O Rádio no Brasil. Rio Fundo Editora, Rio de Janeiro, 1991.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo, Summus, 1985.

_____. Os (Des)caminhos do Rádio. São Paulo, Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1990.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais. São Paulo, COM-Arte, 1987.

PORCHAT, Maria Elisa. Manual de Radiojornalismo Jovem Pan. São Paulo, Ática, 1989.

PRADO, Emilio. Estrutura da Informação Radiofônica. São Paulo, Summus, 1989.

RÁDIO NACIONAL - 20 anos de liderança a serviço do Brasil, 1936-1956. Publicação comemorativa da emissora.

REIS, Sérgio. Making Off – Histórias bem-humoradas dos primeiros

anos do rádio e da TV. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995.

SAMPAIO, Mário Ferraz. A História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.

SAROLDI, Luiz Carlos e MOREIRA, Sônia Virgínia. Rádio Nacional – O Brasil em sintonia. Rio de Janeiro, Funarte, 1984.

SOARES, Edileuza. A Bola no Ar – O Rádio Esportivo em São Paulo. São Paulo, Summus, 1994.

TAVARES, Reynaldo C. Histórias que o Rádio não contou - Do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. São Paulo, Negócio Editora Ltda, 1997.